



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Portrait de la jeune fille en feu: análise

Licenciatura em Ciências da Comunicação
Atelier de Narrativas Audiovisuais I
2020/2021



Introdução

Para a realização deste trabalho no âmbito da unidade curricular de Atelier de Narrativas Audiovisuais I, optei por eleger o filme intitulado *Portrait of a Lady on Fire* (*Portrait de la jeune fille en feu*, no seu título original). A longa metragem escrita e realizada por Céline Sciamma arrecadou três prémios no Festival de Cannes (*Best Screenplay*; *Queer Palm*; *Palme d'Or*), bem como foi nomeado para um *Bafta Award* na categoria de *Best Film Not in the English Language*.

Este drama histórico, situado no século 18 em Bretanha, França, conta-nos a história de uma pintora que tem como missão produzir um retrato de uma jovem aristocrata, na consequência do seu futuro casamento. Marianne, a jovem pintora, é representada como uma mulher determinada e profissional, tensa e rígida, mas simultaneamente insegura. Por outro lado, a primeira impressão que temos de Héloïse é a de uma mulher misteriosa, igualmente determinada, mas com um espírito livre. No início da narrativa o público pode observar uma Héloïse reticente em relação a ser pintada, percebendo mais tarde que a concretização do seu retrato dita a realização do seu casamento forçado com um homem pelo qual a jovem não tem qualquer interesse. Desta forma, ao longo da primeira parte do filme, Marianne é instruída a passar tempo com Héloïse – sob o pretexto de ser sua dama de companhia – e observá-la, tentando realizar o retrato de memória. A certo ponto, Héloïse percebe que o seu retrato será pintado de uma forma ou outra e posa para Marianne, permitindo que esta a pinte. Com o passar do tempo, as protagonistas desenvolvem sentimentos amorosos de forma mútua e, apesar de saberem que uma relação seria impossível, tentam aproveitar os poucos momentos que lhes restam.

Motivos que levaram à escolha do filme

Escolhi este filme pela simplicidade e intencionalidade com que trata a banda sonora; o diálogo e a iluminação; e, simultaneamente, pela forma como aborda temáticas tão distintas e relevantes de uma forma bastante própria. É possível argumentar bastante sobre a principal temática ou mensagem que corre por esta narrativa e nunca chegar a uma conclusão, mas creio ser pertinente debruçarmo-nos sobre algumas delas. Como está claro, um dos temas fulcrais mais facilmente identificável é o do amor, e mais propriamente, o do amor proibido. O ponto de interesse, no entanto, quando falamos da presença de amor neste filme é que se trata de um amor assente numa dinâmica de poder igualitária, ou seja, a vontade de nenhuma parte se sobrepõe à de outra, o que abre espaço para o inesperado. De facto, quando Marianne pinta Héloïse, a primeira está a utilizar um vestido modesto de tom vermelho enquanto que a segunda veste um vestido aristocrático num verde forte. Estas duas cores muito provavelmente não foram escolhidas ao acaso. Apesar de se encontrarem em posições opostas na roda das cores, estas são complementares. As protagonistas têm, efetivamente, alguns aspetos e crenças que as diferem, chegando mesmo a ter pequenos desentendimentos. No entanto, são atraídas uma para a outra e completam-se; a sua existência conjunta é harmoniosa.

Para além disso, Céline Sciamma, explora a relação entre Marianne e Héloïse sobretudo através de olhares. Não esquecendo de que esta se tratava de uma relação proibida, numa época em que comportamentos homossexuais eram condenados e *taboo*, a escolha da existência de uma comunicação quase unicamente assente em olhares, toques breves e posicionamento espacial foi muito inteligente. No seguimento disso, é provável que haja questões relativas a como é que a falta de espontaneidade e de intensidade física foi usada de forma a não prejudicar a força do amor vivido. Relativamente a isso, facilmente é possível explicar que foram usados, precisamente, aspetos como a impossibilidade de toque, a proibição e a descrição para aumentar a tensão e o desejo – quer entre as protagonistas, de estar uma com a outra; quer do público que espera ansiosamente esta reunião. O tão aguardado encontro só acontece, no entanto, com o seu primeiro beijo que apenas ocorre na segunda metade do filme. Nesta cena, as protagonistas encontram-se na praia num dia ventoso. Posto isto, ambas usam uma espécie de lenço que lhes cobre a parte inferior da cara – a boca e o nariz. Aqui,

esse acessório funciona como uma metáfora para consentimento – para se conseguirem beijar, ambas as jovens retiram o seu próprio lenço, revelando um sinal de autorização. Ainda assim, a paixão e desejo com que o beijo foi dado em nada sofreu, adicionando apenas uma visão inovadora e bem concretizada a uma *trope* praticamente já estabelecida.



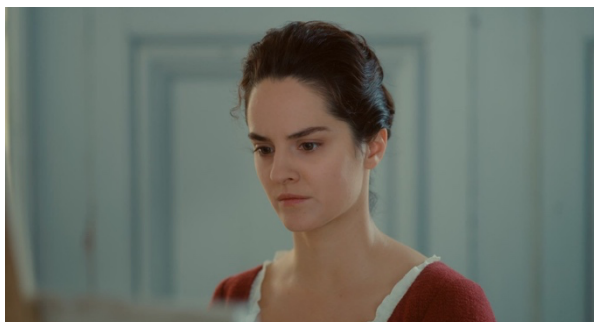
Um outro assunto que, na minha opinião, foi trabalhado de forma brilhante é a questão da desmistificação da musa e do *female gaze*. Em *Portrait of a Lady on Fire*, o retrato de Héloïse é feito duas vezes, de duas formas diferentes. O primeiro retrato que Marianne faz cai em todas as normas dos retratos aristocráticos da altura, desde as técnicas artísticas utilizadas, à forma de representação da mulher ideal – da ideia que ligamos à representação da musa. Assim, esse retrato não diz absolutamente nada acerca de nenhuma das jovens. No decorrer da longa-metragem vemos as protagonistas a descobrir-se, quer a si mesmas, quer uma à outra. Desta forma, a pintora começa a ver Héloïse como uma pessoa própria, com defeitos, qualidades e inseguranças, percebendo realmente as peças que a constroem enquanto o seu ser individual e não apenas como um objeto a ser representado. O *female gaze* está, por isso, presente em todo o filme quando passamos a ver as protagonistas como mais do que o que as definia originalmente – Marianne tem vontades e ideias próprias fora da convencionalidade da pintura e Héloïse é mais do que o seu corpo e por isso não pode ser apenas representada pelo seu aspeto. No final da obra, Marianne pinta um segundo retrato, – o final – no qual vemos expressões e pormenores de Héloïse, bem como nuances de escolhas artísticas que não estavam presentes no primeiro, ou seja, quando eram apenas pintora e modelo. Aqui, o mito da musa foi eliminado e o que passamos a ver no retrato tem mais dimensões que anteriormente.

“If you look at me, who do I look at?” – análise de sequência

Na sequência deste filme, existem várias cenas que eu considero ter valor analítico e, por esse motivo, foi-me difícil escolher apenas uma. Optei por analisar, em primeiro lugar, uma sequência que comenta nas dinâmicas de poder de sujeitos colocados nas posições de observador e observado. Em seguida encontra-se o link de youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=YKTpig51ajl&t=47s&ab_channel=MarinaMarina

Esta cena divide-se em três momentos distintos. Num primeiro momento, Marianne encontra-se claramente na posição de poder, do observador. A câmara enquadra-a num *shot* médio



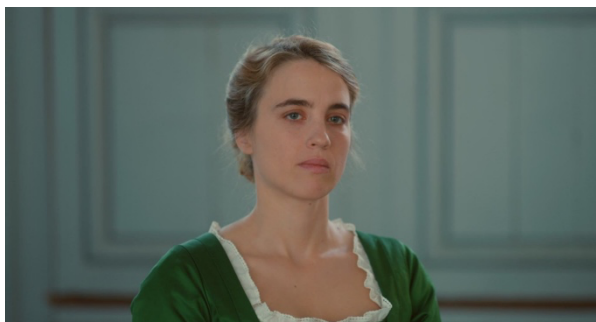
close-up, estando aproximada no ecrã e “protegida”, simultaneamente. No canto oposto encontra-se Héloïse, na posição de observada, enquadrada num *medium shot* e por isso mais exposta, mais visível, mais vulnerável.

Nesta cena, bem como ao longo de todo o filme, o silêncio é bastante usado, quer para pontuar o discurso, quer para marcar o ritmo da sequência. Neste primeiro momento em específico, são usados alguns segundos de pausa para demarcar o incidente que despoleta toda a interação – Marianne acredita ter magoado Héloïse. Após Héloïse tentar negar este facto, Marianne começa a enumerar, lentamente e auxiliada de silêncios, pequenos hábitos e gestos que a jovem tem (“When you’re moved, you do this with your hand. And when you’re embarrassed, you bite your lips. And when you’re annoyed, you don’t blink.”). Com esta atitude, a pintora mostra estar numa posição de poder ao expor o quão bem vê e conhece a sua “oponente”. Com o auxílio das pausas no seu discurso, Marianne mostra estar confiante desta sua posição.

Depois desta declaração, Héloïse chama a pintora ao pé de si. Pela primeira vez nesta cena vemos as duas atrizes no mesmo *shot*, sem cortes, contínuo. A jovem pergunta-lhe: “If you look at me, who do I look at?” fazendo Marianne perceber e tornar-se consciente da perspetiva da companheira e da posição que realmente ocupa.



Agora é a vez de Héloïse apontar todos os trejeitos e automatismos que consegue observar em Marianne (“When you don’t know what to say, you touch your forehead. When you lose control, you raise your eyebrows. And when you’re troubled, you breathe through your mouth.”). Também esta personagem se auxilia do silêncio e de pausas propositadas para reforçar a sua confiança, reivindicando agora a posição de poder. Neste momento ocorrem duas revelações: a primeira é a revelação do estado de exposição a que Marianne está sujeita; a segunda é a percepção de uma atração sentida por ambas as partes. Dá-se então, durante poucos segundos, uma expressão da tensão mencionada anteriormente e fomentada pelo uso do silêncio, que alimenta a sensação de desejo das protagonistas e do público. Apesar disso, nada acaba por acontecer e Marianne “foge” da *frame* e regressa para trás do seu cavalete, onde percebe agora estar desprotegida. Com isto, Héloïse ganha agora também uma posição de poder, crescendo na câmara e fazendo com que os planos se invertam.





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Com esta cena são desconstruídas as dinâmicas de poder para atingir igualdade. É nesta sequência que vemos a relevância das cores dos vestidos, em posições opostas, mas complementares. É este tipo de dinâmica que a realizadora pretende alcançar e representar como modelo. Neste caso percebemos que não existe observador e observado porque quando se olha para alguém essa pessoa está a olhar de volta para nós. O enquadramento, a montagem, o ritmo, o diálogo e a ausência do diálogo são de extrema importância para contribuir para a estrutura narrativa e para a construção da relação entre as protagonistas. A revelação de que elas conhecem cada detalhe da outra apenas por terem “perdido tempo” a observar-se põe a sua relação noutra nível, fazendo a narrativa mover em pé de igualdade.

Bonfire scene – análise de sequência

Tendo em conta a quantidade de cenas relevantes e com impacto cinematográfico passíveis de serem analisadas neste filme, decidi escolher mais uma que trabalha recursos não analisados na cena anterior como iluminação, som e simbologia. Segue-se o link de youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=PcKm3bC7wV4&t=1s&ab_channel=AbdelrahmanHafez

Contextualmente, esta sequência decorre no processo das protagonistas ajudarem a criada da casa de Héloïse a fazer uma interrupção voluntária de gravidez. Esta é uma das poucas cenas em todo o filme em que é utilizada banda sonora, podendo então perceber que a escolha da realizadora não foi despropositada. As mulheres presentes ao redor da fogueira começam a cantar como um ato de irmandade, marcando mais uma vez a importância e força da mulher nesta narrativa. Os cânticos prolongam-se, no entanto, sobrepondo-se a uma cena entre Marianne e Héloïse. Como nessa cena não existe diálogo e as personagens se encontram a uma distância considerável, a música é usada para intensificar os olhares, a linguagem corporal das protagonistas e aumentar a tensão, fazendo o público eternizar o momento, que parece quase que parado no tempo.

Para esta sequência o enquadramento foi feito de forma a que parecesse que as protagonistas apenas se vissem uma à outra. Para isso, a câmara foi colocada à frente das atrizes e o fundo foi mantido escuro, para que elas surgissem como as únicas figuras no momento. Aqui, o fogo vindo da fogueira é a única forma de iluminação e é utilizado de forma simbólica. Esta é a cena que dá nome ao filme – foi esta imagem que Marianne decidiu captar de Héloïse por uma razão. Héloïse é a própria personificação do fogo – é espontânea; curiosa; destemida; desafia a mãe e as normas e convenções da aristocracia.



Em concordância com este argumento, vemos que Héloïse não se incomoda quando o fogo pega ao seu vestido, mas sim continua a sorrir para Marianne despreocupadamente. São as mulheres



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

que se encontram no local que procuram rapidamente apagar as chamas do vestido, estabelecendo um paralelo com a forma como a mãe de Héloïse e a própria sociedade da época apagou a sua. É importante perceber, no entanto, que por mais trágico que isso pareça, se a chama tivesse continuado a arder iria destruir o vestido e queimar Héloïse. Da mesma forma, se Héloïse continuasse a desafiar o casamento, a mãe e as normas da sociedade e ficasse com Marianne, ambas acabariam por ser destruídas (dada a época, seriam exiladas ou mortas).